
coleção
pequena
biblioteca
poética

SOMOS AQUI

TRADUÇÃO DE
Lucas Figueiredo Silveira e
Tamlyn Ghannam

Jèssica Ferrer Escandell

SOMOS AQUI



9 Bem-vindos a casa

I
SOMOS NA TERRA, 11

15 Motocultivador
16 Goteiras
17 Caixotes
21 Empreitada
22 Motosserra
23 Pira
27 Divisas
28 Enxada
29 Benirràs
30 Perfurada

II
SOMOS NOS CURRAIS, 31

33 Um
34 Dois
35 Três
36 Quatro
37 Cinco
38 Seis
39 Sete
40 Oito
41 Nove
42 Dez
43 Onze
44 Mil milênios

III
SOMOS NA CARNE, 45

49 Deflorar
50 Arrepiar
51 Arredar
54 Encarnar
55 Incitar
56 Sanar
57 Bicar
61 Pedrada e mordida de cão
62 *Arròs amb colom*
63 Moscas da morte
67 Cuidado

POSFÁCIO À EDIÇÃO BRASILERA, 69

GLOSSÁRIO, 73

Bem-vindos a casa

"Nos esperam para matar o porco".

E tu que não acreditavas,
não querias saber dos caixotes de laranja para descascar,
as cadeiras espanadas,
os montes de feno nos galpões.

Como se fosse ser um dia a mais,
talvez um pouco mais agitado,
alguma foto para enviar à família.

"Nos esperam para matar o porco".

E não tínhamos nem desfeito as malas ainda,
e já nos amarravam um avental.
Preparávamos uma mesa grande,
fritávamos *bunyols*.

Como se fosse tão secundário o teu protagonismo:
rito iniciático secreto,
o passo definitivo para poder entrar.

"Nos esperam para matar o porco".

E não só para observá-lo:
há um canivete que amolaram para te dar
e três dias a mais de trabalho para acabar.

Chegamos. Estamos aqui.

E também eu.

(O porco, amanhã, não mais.)

I
SOMOS NA TERRA

Instrumentos para fazer uma horta

Motocultivador

Como a pintura nos azulejos,
como a umidade nas janelas,
como um caracol na folha,
como o barro na sola das botas,
como a graxa no extrator,
como um carrapato no pelo de um cão,

agarro-me a ti.

Faço toda força que tenho para reter-te:
caminhemos juntos, remexamos a terra.

Goteiras

Não o sulco que recebe o raio denso,
nem o golpe do relâmpago que te atinge.

Pouco a pouco, o campo que bebe:
o gole do floco.

Caixotes

Toda semana colho tomates
e guardo-os em caixotes para o inverno.

Não me resta nada mais para enchê-los,
se não um gesto que vem de ti.

Sinto uma tristeza emprestada,
vivo um delito que não me pertence.

Mas insisto na colheita:
o lugar mais frondoso é a horta.

Caminhando rente à friagem

Empreitada

Serão tantas horas que deixaremos de contar.

Não importa quantas alfarrobas são,
nem a média de sacos que podemos fazer por dia:
digamos, por exemplo, finais de setembro,
para não dizer outubro,
novembro aguado
de campos pisados.

É coisa que acontece sempre,
acostumar-se a um trabalho que acaba quando acaba

sem saudades.

Motosserra

Eu disse motosserra ao correr pelos vales fugindo do teu olhar. Não poder
inventar nenhuma palavra que explique esta inquietação
que me faz afastar-me de ti, de todos:
aceitar arranhar-me as pernas com salsaparrilha e com
argelaga pelo privilégio de não definir nenhum adeus.

Eu disse motosserra e não me gelou o teu espanto. Que a rama cai e dela preparamos a lenha
que nos aquece, também quando é o fogo o único abrigo
que desejamos.

Eu disse motosserra e a peguei. Repito a palavra:
motosserra. Empunho a espada que
assusta. Cavo um sulco no tronco e não vacilo.

Pira

Arrancaremos os últimos restolhos da horta de verão.

Faremos uma pira,
abriremos espaço para as semeaduras que virão.